



Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação Social

Comunicação Organizacional

Professora Orientadora: Dra. Elen Gerales

MEMORIAL

**AS CONTRIBUIÇÕES DE ERVING GOFFMAN AO ESTUDO DAS  
ORGANIZAÇÕES**

Ana Isabel Pereira de Abreu

Brasília, DF, Junho de 2015



Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação Social

Comunicação Organizacional

Professora Orientadora: Elen Gerales

## **AS CONTRIBUIÇÕES DE ERVING GOFFMAN AO ESTUDO DAS ORGANIZAÇÕES**

Ana Isabel Pereira de Abreu

Memorial apresentado ao curso de  
Comunicação Organizacional, da Faculdade de  
Comunicação, Universidade de Brasília, como  
requisito parcial para a obtenção de grau de  
Bacharel em Comunicação Social



Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação Social

Comunicação Organizacional

Professora Orientadora: Elen Geraldês

#### Membros da Banca Examinadora

1. Orientadora: Profa. Dra. Elen Geraldês

2. Profa. Dra. Janara Sousa

3. Prof. Dr. Asdrúbal Sobrinho

4. Suplente: Vanessa Negrini

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao universo por permitir a mim o convívio com as pessoas que acrescentaram à minha bagagem incentivo, conhecimento, sabedoria e as sementes do bem que fizeram com que esse sonho se tornasse realidade. À minha família: meu pai, José de Abreu, inspiração dos mais bonitos valores que conheço na vida; à minha mãe, Iraci, tão simples e ao meu irmão, Danilo, de tão bom coração. Sem vocês nada disso seria possível.

Agradeço aos meus companheiros de universidade. Aos amigos, pelos momentos de descontração; aos grupos das caronas que tornavam sempre as voltas pra casa viagens mais leves e divertidas. À minha amiga Sarah e sua família, por serem tão especiais. Ao meu grupo de sala Nay, Luiz e Dani. Aos professores, grandes doutores também da vida: professor Dr. Samuel, professora Dra. Dione e professora Dra. Elen que além de grandes profissionais são seres de luz. E ao pessoal da secretaria, principalmente a Rosa, sempre atenciosa.

E não poderia esquecer dos meus primeiros professores. À professora Cinthia Freitas, pela qual tenho imenso carinho por ter me alfabetizado e mantido contato até hoje. À professora Lúcia Bomtempo, *in memoriam*, por sempre acreditar no meu potencial e a todos que souberam a importância dos anos iniciais da educação básica para uma formação superior completa. Não esqueço também dos professores que marcaram o meu Ensino Médio: Cléa, Chico, Analice e Karine. Que bom que eu tive vocês, os conhecimentos que vocês transmitiram a mim, levo para sempre.

Não é provavelmente um mero acidente histórico que a palavra “pessoa”, em sua concepção primeira queira dizer máscara. Mas, antes, o reconhecimento do fato de que todo homem está sempre em todo lugar, mais ou menos consciente, representando um papel [...] É nesses papéis que conhecemos uns aos outros; é nesses papéis que nos conhecemos a nós mesmos. (GOFFMAN, 1959, p. 27).

O curso de Comunicação não foi minha primeira escolha. Ser dentista foi meu primeiro sonho, mas a afinidade com as matérias relacionadas à área de humanas fizeram com que meu interesse fosse maior por direito, relações internacionais, jornalismo e psicologia, comprovado pelos testes vocacionais realizados pela psicóloga escolar.

Direito eu descartei logo por não querer atuar como advogada. Gosto de ler conteúdos do direito e gostaria de atuar na Promotoria ou na Defensoria Pública, mas, para isto, teria de advogar por um tempo. Relações Internacionais já foi um curso em que pensei em fazer, mas o fato de eu só saber falar inglês me impossibilitou de começá-lo.

No fim do Ensino Médio eu já estava decidida a fazer jornalismo, principalmente pela facilidade em fazer redações e o sucesso nas provas de português nessa época, o que, para mim, era a base do curso. Como eu não tinha interesse nem informações sobre a profissão, não me importava com a parte audiovisual do curso nem com as inúmeras reportagens que teria de estar disposta a fazer, até porque minha vontade era trabalhar em redação mesmo, e não nas ruas.

Professoras da escola em que eu estudava, Colégio Projeção, deram todo apoio para que eu iniciasse meus estudos em jornalismo. Mal sabia elas e eu que não era suficiente ser boa em humanas, incluindo português, redação e inglês. Jornalismo é mais do que isso, tem de ter o dom da apuração, da comunicação, ser criativo, saber lidar com mídias e tecnologias e também apreciar cultura, filmes e bons livros. Eu não sou tudo isso, assumo. Mas a vontade de aprender é uma característica que me ajuda.

Como eu não queria perder tempo para entrar na Universidade de Brasília, e eu tinha certeza que faria a graduação lá, coloquei no PAS e no vestibular o mesmo curso: Comunicação Organizacional. Fui classificada nos dois, sendo que em 5º lugar no PAS para um curso novo que eu desejava e desconhecia com a mesma intensidade.

Entrar na UnB foi uma das coisas mais importantes que consegui na vida, o dia em que recebi essa notícia foi um dos mais felizes. Eu sabia que esse lugar poderia me trazer conhecimento, crescimento, amizades, histórias e oportunidades incríveis, como realmente aconteceu. O tempo mínimo de permanência no curso são quatro anos, grande parte dos meus colegas seguiu esse tempo.

Logo no primeiro semestre eu vi que a universidade não era o que eu pensava. Muito diferente da escola, nesse espaço eu poderia ser livre para fazer o que quisesse, sem dar satisfações. Eram várias palestras, eventos e trabalhos que eu me perdia. Mas rapidamente percebi que a idade adulta tinha chegado, e dali em diante eu seria a dona do meu futuro, as escolhas que eu fizesse naqueles momentos seriam decisivas.

Era um começo para os alunos e para os professores do meu curso, que eram novatos na UnB porque foram contratados para dar aula em Comunicação Organizacional. A faculdade não tinha estrutura, faltava segurança no Minhocão em geral. Poucos cursos eram noturnos, por isso era bem perigoso e escuro onde tínhamos aula.

Isso durou mais ou menos três semestres. Com a reforma da FAC tudo melhorou, as salas de aula ficaram maiores e mais confortáveis, a quantidade de alunos e a segurança foi aumentando. Hoje a UnB é ativa no turno noturno,

os alunos podem fazer suas atividades e andar pelo campus com mais tranquilidade.

O primeiro semestre de 2010 será lembrado por muitos - foi a primeira greve durante esses cinco anos que presenciei. Foram mais de dois meses sem acontecer aulas e os calouros, assim como eu, ansiosos para iniciar a nova etapa. Em 2012 aconteceu outra greve, com duração de aproximadamente um mês. Mas o que tornava isso tudo angustiante não eram as greves em si, porque sabia que isso não afetaria na minha formação. Eu estava tranquila em relação ao tempo de duração da UnB. As pessoas do meu convívio é que achavam greve coisa de outro mundo, algo absurdo, então sempre que tinham oportunidade comentavam o quão horrível deveria ser estudar na UnB por causa disso.

Minha vontade era de sempre expor as qualidades da minha Universidade, que são tantas. Só os dados da contribuição científica ao Distrito Federal e ao Brasil, já eram o suficiente. Fora os benefícios incontáveis que a UnB me ofereceu, a possibilidade de pegar várias matérias, a oportunidade de conviver com mestres, doutores e o conhecimento que eu jamais teria conseguido em outro lugar.

E olha que as insistências eram muitas para eu desistir da UnB e começar outro curso, ou um curso parecido em outra universidade ou faculdade particular. Meus pais ficavam muito preocupados, principalmente no começo, quando eu tinha dezessete anos, com a ida e vinda, haja vista a distância da minha casa até a Universidade. Como eu não dirigia, pegava dois ônibus para chegar, para voltar sempre tive a sorte de ter carona de amigos que moram perto.



Foi essa vontade de estar na Universidade que me fez continuar, enfrentar longas distâncias, pegar ônibus, brigar por causa de trabalhos em grupo e discutir com professores por causa de nota. Isso me fez sentir como pertencente à Universidade de Brasília. Nesse lugar eu me sinto à vontade para sair e entrar quando quiser.

Uma característica da UnB e das universidades públicas é que o estudante faz o seu currículo. A faculdade expõe a grade e o fluxo curriculares, mas depende exclusivamente do estudante sair desse lugar apto para executar as funções do seu curso ou não. A UnB é vista como excelente em formar profissionais, por seus professores e até mesmo espaços e laboratórios, mas acredito eu que isso se deve mais ainda ao fato de os alunos serem “ensinados”, desde que iniciam sua jornada universitária, a buscar, investigar, conhecer o mundo acadêmico e científico.

Foram só surpresas agradáveis ao longo da minha trajetória em Comunicação Organizacional que também continha um pouco de jornalismo, mas sem as inúmeras reportagens e correrias que este exige. É que o foco da Comunicação Organizacional é outro, mais abrangente e completo, não menos difícil.

No começo eu me perguntava se esse era mesmo o curso da minha vida, compartilhava dúvidas e perguntas com meus colegas de sala. Ao observar que eu não era a única não totalmente segura com a escolha, ficava mais aliviada. E sempre lembro dos professores que falavam que faculdade e profissão não são receitas de bolo. Foi aí que fui conhecendo mais esse meio.

E na minha sala tinham pessoas com todos os tipos de personalidade possíveis. Os mais tímidos; os que não se constrangiam com absolutamente

nada; os mais vivos; os que mandavam bem em publicidade, outros que adoravam jornalismo e os que não gostavam de nada disso mas eram envolvidos com a Comunicação Organizacional. As discussões em sala tinham um nível alto, a diversidade contribuía para isto.

Essa mistura formou a turma “ComOrg de Ouro”, apelidada assim pelos professores. A turma Cinco Estrelas e a turma “Vai que dá”, afinal tínhamos dificuldades, mas não hesitávamos em concluir as provas, os vídeos, as resenhas, as campanhas, as peças, os jornais, as revistas, as consultorias, as assessorias, os planos de marketing e as análises.

Ao fim do curso e depois de ter estagiado na Telecomunicações Brasileiras (Telebrás), passei a gostar bem mais de Comunicação Organizacional do que de jornalismo em si, e acredito que dei sorte por coincidir o término do Ensino Médio com a criação do curso na UnB. Hoje sei que o que sempre desejei como profissão será alcançado com esse curso. Meu sonho agora não é trabalhar em redação, como pensei, mas sim em Assessoria de Imprensa.

Nesse estágio fazia *clipping*; textos para intranet e internet; cobria pautas internas da Telebrás e entrevistava funcionários, supervisores e gerentes para as matérias. Além de receber os jornalistas nos eventos, fotografar, diagramar as entrevistas e fazer atividades relacionadas à Assessoria de Comunicação.

Fiz outros dois estágios: no Pólo da UnB em Brazlândia e na FAC. Nesse primeiro realizava atividades de comunicação. Divulgava as atividades que estavam acontecendo para a comunidade: dança, teatro, aulas de música

e aulas de reforço com estudantes da UnB, e produzia folders, cartazes e as artes que iam para as redes sociais, que eu também alimentava.

Na FAC, estagiei no Centro de Documentação, Cedoc. Foi uma ótima oportunidade de conhecer os produtos que os alunos faziam, como o jornal Campus e a revista Darcy. E pude lidar com professores de outros departamentos da FAC. A professora Dione, do Jornalismo, era minha supervisora, com quem aprendi muito e participei de uma edição da Sociedade Brasileira de Pesquisa em Jornalismo- SBPJor.

Na época em que o curso de Comunicação Organizacional foi avaliado pelo MEC, eu apresentei o Cedoc e relatei minhas funções lá à equipe avaliadora. Foi obtida nota máxima, 5, pela estrutura da faculdade, laboratórios, currículo dos professores e preocupação com a inclusão social e meio ambiente.

E sobre o meio ambiente a professora Dione tem um cuidado peculiar. Foi a partir daí que me atentei mais para a sustentabilidade e a natureza. Seus projetos eram voltados para este tema, como o “Projete-se, comunicação para sustentabilidade”, do qual eu não participei mas estava informada sobre as ações dos alunos.

Algumas matérias e professores da FAC despertaram em mim esse interesse também. As disciplinas ministradas pelas professoras Elen Gerales e Janara Kalline aguçavam o lado crítico dos alunos e incentivavam a busca pelo conhecimento. Suas dicas e ensinamentos são usados por mim até hoje, por isso, a elas sou grata.

Em paralelo às disciplinas obrigatórias fiz uma disciplina optativa com essas professoras, Elen e Janara, para a produção de artigos científicos. Esse

foi o meu primeiro contato com pesquisa no ambiente acadêmico, a partir daí fiquei mais familiarizada com o mundo científico e os demais trabalhos já não eram vistos mais com tanto peso.

Sou grata também a todos os professores que fazem jus a todo conhecimento e experiência que têm para proporcionar o crescimento de um aluno. Minha primeira experiência com textos na UnB foi no segundo semestre com as resenhas do professor Tiago Quiroga, na disciplina Teorias em Comunicação. Essa disciplina me marcou porque as resenhas eram sempre comentadas de forma crítica e inteligente.

Nesse mesmo período, a matéria Jornalismo Ambiental, optativa ao meu curso, era ministrada pela professora Dione Moura. Essa matéria e a professora me inspiraram de uma forma que dei o meu máximo e aprendi bastante sobre Jornalismo. Depois disso passei a ver Dione Moura não só como professora mas como uma profissional sábia o suficiente para proporcionar o desenvolvimento de uma estudante.

No 4º período, a matéria com que mais tive dificuldade foi Técnica de Jornalismo em rádio e TV, com a professora Ellis Regina. Nessa matéria vivenciei a realidade de um jornalista. Pauta, entrevista, *deadline*, fontes... Pude perceber que o jornalista depende de terceiros para ter sucesso na sua rotina. Não basta ter a pauta, precisa de uma fonte que esteja apta e disposta a conceder a entrevista, o que parece fácil mas é bastante difícil e estressante.

Das três matérias jornalísticas que teriam de ser feitas ao longo do semestre nessa disciplina, consegui fazer uma. E não foi por falta de tentativas. A única matéria que consegui entregar foi a última, o tema foi escolhido por mim por causa dos incêndios florestais que estavam acontecendo em Brasília.

Achar fontes adequadas não era o problema, a questão era conseguir a entrevista dentro do *deadline* de uma semana.

Para esta matéria, consegui várias fontes: médico, analista do Ibama e comandante da base aérea de Brasília, na qual havia acontecido recentemente um incêndio florestal. Mas conciliar um dia disponível pelo menos com uma dessas fontes foi quase impossível. Até que consegui, depois de muito tentar e insistir, uma entrevista com a Analista Ambiental do Ibama e com o comandante da Base Aérea de Brasília, as duas para o mesmo dia, justamente na data da entrega dessa matéria de rádio.

Pela manhã entrevistei a analista ambiental e à tarde o comandante. Depois fui para a UnB editar a matéria que seria apresentada à noite. O tempo não foi favorável à qualidade do trabalho, mas valeu o sacrifício pelo reconhecimento da professora, que deu nota máxima ao quesito criatividade.

Essa foi, sem dúvidas, a disciplina mais complicada na minha vida universitária, mas, em contrapartida, a que mais me fez aprender e experimentar o que é o dia-a-dia de um jornalista. Outros trabalhos foram feitos nessa disciplina, praticamos reportagens, e lidamos com edições. Foi uma aventura memorável, posso dizer assim.

Tive outras dificuldades nesse caminho, mas acredito que não foi exclusivamente por minha culpa, mas de alguns professores incompreensíveis que não abriram mão de prazos e datas que, para eles, são mais importantes do que o conhecimento e crescimento intelectual dos alunos. Ainda bem que a maioria dos professores, colegas e funcionários da FAC que conheci são seres humanos sensíveis que fizeram dessa jornada inesquecível.

O Matrícula Web me causou momentos de estresse, porque as matérias que eu sempre quis, nunca consegui ter na minha grade por serem concorridas demais. Além do mais, conseguir matrícula em disciplinas até mesmo optativas passou a ter uma grande concorrência do meio do curso para cá.

As disciplinas mais cansativas que achei foram as de planejamento. Eram muito repetitivas, basicamente fazíamos a análise SWOT (pontos fortes, fracos, ameaças e oportunidades) de alguma organização e com isso apontávamos as estratégias que deveriam ser feitas para o sucesso do “cliente”. Envolviam administração e *marketing*.

Também no quarto semestre, “Instrumentos da Comunicação Organizacional” marcou a minha passagem pela UnB. Durante o semestre fizemos produtos de comunicação para uma Organização não Governamental, no caso do meu grupo, a “Andarilhos do Riso”, sem fins lucrativos.

Essa equipe tem por finalidade animar as tardes de Domingo dos pacientes do IC (antigo Incor), localizado no HFA. Nosso papel enquanto estudantes de ICO foi melhorar a Identidade Visual do Andarilhos, fazer um programa para rádio, criar e fazer postagens no blog e montar um plano de comunicação. Ao final todos ficamos satisfeitos pela conclusão com sucesso do trabalho, que não recebeu o prêmio ICO, mas obteve nota máxima também.

Uma das que mais gostei foi “Planejamento Gráfico”, dada pela professora Gabriela Freitas. Ir para essas aulas era saber que eu não sairia a mesma pessoa da sala de aula. Super criativa e dinâmica, a professora fazia qualquer dificuldade virar disposição. Foi aí que tivemos que fazer uma revista e meu tema era moda. A minha parte foi a do planejamento gráfico, no qual tive de lidar com os programas *In Design* e *Photoshop*.

Em um sábado tivemos oficina de Photoshop intensivo. Essa revista rendeu esforço e cansaço, mas foi um trabalho prazeroso, um dos quais eu recordarei pelo SS merecido, pela emoção de lidar com os programas difíceis que eu não tinha habilidade e pelo reconhecimento que obtivemos depois de tudo isso.

Comunicação é um curso que torna seres humanos críticos. Percebo que em tudo o que faço há o meu lado crítico, que eu melhorei depois do contato com a universidade e principalmente com as matérias do meu curso, que propõem essa visão aos meios de comunicação de massa, os principais formadores de opinião para a sociedade.

“Criação em Comunicação e Publicidade” foi uma disciplina ofertada pelo professor Asdrúbal que me fez ler textos relacionados à psicologia e criatividade. Foi o passo inicial do meu projeto, onde eu vi que havia mesmo ligação entre a psicologia e a comunicação. Dediquei-me a essa disciplina e li todos os textos, porque o tema era do meu interesse.

Outra disciplina marcante foi “Planejamento e Gestão em Web”, com o professor Luciano. Os textos dessa matéria eram muito interessantes, atuais e provocavam discussões instigantes. Lembro-me dos textos de Levy, Milton Santos, e um texto que gostei muito foi tirado do livro “O homem e seus símbolos”, de Carl Jung, que por sinal era psicanalista. Sobre este livro, o professor retirou termos como inconsciente e inteligência coletivos e discutiu em sala. Além disso, fazíamos textos para que ele corrigisse e apontasse críticas e direcionamentos das nossas observações.

A última disciplina da qual participei na FAC foi “Assessoria e Consultoria em Comunicação” com a orientação dos professores João José

Curvello, Luciano Mendes e Liziane Guazina. Neste momento, meus colegas já haviam se formado, então fiz com outra turma. A atividade proposta era realizar ações de Boas Vindas aos calouros, em parceria com a Assessoria de Comunicação da Universidade de Brasília.

Para isto, a turma foi dividida em grupos de criação, planejamento, atendimento e outros. No primeiro momento, meu grupo, de planejamento, fez o projeto das ações que seriam realizadas, incluindo o guia de bolso pensado por nós. Depois, fiz parte do grupo DROPS, responsável pelo conteúdo que iria ser veiculado no site e no Guia de bolso.

Fazer parte dessa equipe foi gratificante, pois a nossa produção foi eficaz aos calouros. O Guia de bolso contém informações precisas sobre a UnB: alimentação, transporte e sobre os cursos; e o formato é pequeno para que o aluno tenha facilidade em usar. Essa ideia surgiu porque fizemos pesquisas que comprovaram a ineficiência do manual do aluno, que não pode ser descartado, mas devem existir outras opções de informações da Universidade disponíveis para os alunos.

Todos esses professores e disciplinas foram essenciais para a minha formação, para a escolha do tema e para o arcabouço teórico que tenho. A partir deles pude me encontrar na comunicação e na psicologia e definir o que de fato eu quero estudar no mestrado ou especialização.

Fora da FAC, fiz matérias optativas e de módulo livre. Introdução à Psicologia foi a primeira disciplina que fiz em outro departamento. Depois fiz Introdução à Filosofia, Introdução à Sociologia, História da Educação, Literatura e Educação, Estética e Filosofia da Arte, Introdução à Administração, Tópicos



em aprendizagem sobre Cultura Surda, Introdução à Pesquisa em Música e Infância e Juventude na Contemporaneidade.

Comunicação e Música e Oficina de Jornalismo Digital cursei como optativas na FAC. Comunicação e Música foi ministrada pelo professor Clodo Ferreira, que se aposentou da Universidade de Brasília. Foi ótimo poder ver a música, mesmo as populares, as do dia a dia, de outra maneira. Aprendi com essa matéria que toda música é música, independentemente do estilo sempre fala com a alma de alguém e caracteriza a cultura de algum grupo.

As matérias que peguei na Faculdade de Educação fizeram com que eu ampliasse o meu interesse pelo tema. Após ter tido mais conhecimento nessa área, pude ver o quão a educação realmente é necessária para o Brasil. E o quanto os professores são importantes para facilitar a aprendizagem, favorecer o crescimento intelectual e serem espelhos para a vida, sejam eles das séries iniciais ou não.

De modo semelhante, o conhecimento que adquiri com as matérias da Filosofia foram muito importantes para que eu tivesse o alicerce da visão de mundo que tenho. Conhecer cada época, filósofo, as escolas e correntes de pensamento e o poder do Estado e da Igreja fez com que a visão romântica e pouco realista que eu tinha se transformasse em críticas e razão com principalmente no que está relacionado à religião.

Antes de entrar na UnB eu não imaginaria que pudesse me transformar a ponto de pensar na Igreja como cruel em alguns aspectos. Além do que, ela vive uma crise crônica, porque seus ensinamentos não são seguidos verdadeiramente por seus adeptos. Indivíduos se dizem cristãos mas quando

estão em grupo não realizam ações de quem tem promessas a serem cumpridas.

Penso então que a religião é um caminho para o bem, mas existem outros. Acredito que existe algo além dos animais, racionais ou não, que o ser humano ainda não é capaz de entender, de saber o que é, posso chamar de Deus, mas não esse Deus que os humanos inventaram. Até porque a humanidade ainda tem muito o que evoluir para descobrir o sentido da vida, que envolve essas coisas sobrenaturais que não temos o poder de conhecer ainda.

Esse ponto de “filosofia de vida” eu só pude alcançar graças a Universidade de Brasília que me apresentou a ciência, o conhecimento e me fez enxergar que muita coisa que eu levava na minha bagagem era senso comum, válido, mas não o suficiente. Quanto mais eu estudo e aprendo, melhor eu fico como ser humano. E devo isso a UnB.

Com a sociologia o meu jeito de ver as coisas também sofreu modificação. Estudar a sociedade é perceber que estamos imersos em cultura, fazemos determinadas ações, mas não paramos para refletir sobre isso e qual a importância dos processos em que já nascemos incluídos e que determinam muita coisa nas nossas vidas.

Os textos de Freud e Lacan me chamaram atenção em “Infância e Juventude na Contemporaneidade, matéria ministrada pela professora Inês Maria Marques, psicanalista. Ir para a UnB à tarde nos dias em que tinha essa aula era um momento de descontração, talvez por eu me identificar com o assunto relacionado à psicologia.

Como requisito para obtenção da nota fiz um artigo com o título: “As contribuições do ambiente e da genética para a formação da personalidade”, em que também usei referências de Goffman. Cheguei à conclusão que genética interfere na personalidade, mas o ambiente ainda mais, porque os diversos genes que adquirimos só são ativados quando o ambiente favorece.

A personalidade é uma junção de valores e comportamentos que o indivíduo elabora desde o início de sua vida até o fim. Os traços que influenciam a personalidade começam na infância, núcleo primordial na constituição do sujeito. Os primeiros anos de vida e o ambiente em que a criança está inserida caracterizam e permitem compreender a estrutura psíquica do ser.

Para a revisão de literatura usei autores que discorrem sobre a psicologia individual e a formação da personalidade. Os estímulos internos e externos e as forças psicológicas sobre o indivíduo são a base da representação social que cada um apresentará nas relações humanas. E é sobre isto que Goffman analisa em suas pesquisas. Goffman, em sua obra (1959), diz que representamos como em um teatro, as mais diversas situações que encontramos na vida. Esse comportamento determina as interações sociais em suas diversas esferas e pode ser explicado pela psicologia.

As teorias psicanalíticas tem papel fundamental quando explicitam a importância da infância e suas consequências psíquicas. Freud é o principal formalizador desse objeto de estudo. Bernardo Tanis, em seu livro “Memória e Temporalidade” apresenta o tema psicanálise infantil e conceitos defendidos por Freud sobre a constituição do sujeito.

Psicólogos e terapeutas recorrem às lembranças da infância em seus métodos de análises clínicas e de personalidade, pois, na infância, são originados traumas e fobias. A psicanálise parte daí, é, na teoria e na prática, movida pela crença de que o adulto é modelado pelos costumes e desejos da sua infância.

Todo esse tempo passou tão rápido que eu não queria que terminasse, meu anseio era ficar mais na UnB, aproveitar o ambiente universitário, as matérias de outros cursos, as palestras e eventos. Então, em vez de me formar em quatro anos, decidi ficar por mais um ano. Não me arrependo, porque nesse ano pude estudar mais e me dedicar a algumas matérias relacionadas à psicologia, que também é área do meu interesse.

Esse interesse pela psicologia começou há muito tempo, desde o Ensino Médio, como mencionei, mas foi na UnB que descobri o quanto minha ligação com essa área de estudo é forte. Tudo começou em Introdução a Psicologia, quando estava por volta do terceiro semestre. As leituras e experimentos da psicologia faziam com que eu me dedicasse mais a isso do que as matérias do meu próprio curso.

Daí vem o tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso: Psicologia da Comunicação Organizacional, investigando as relações do indivíduo com a organização. Como este tema é profundo, eu teria de escrever uma monografia, que estava disposta a fazer e a realizar observações de campo em organizações, no caso academias fitness.

Concluir o meu curso com sucesso sempre foi um desejo meu, por isso antes mesmo de fazer a disciplina do pré-projeto, eu já sabia de que tema se trataria. Assim que fiz a matrícula na disciplina, com o professor Samuel Lima,

comecei a ler os textos que estavam relacionados à psicologia e organizações. Antes de terminar o semestre entrei em contato com a orientadora para começar os trabalhos, como o fiz. Durante as férias de Dezembro li muitos textos e artigos e fiz resenhas e fichamentos.

No início, essa pesquisa almejava investigar como as relações entre sujeitos são construídas em organizações, no caso academias de exercício físico (*fitness*), a partir dos conceitos de Goffman. Nestas relações, incluir-se-iam também os funcionários. A interface do sujeito com o meio permite criar uma cultura organizacional, que é resultado da relação entre os indivíduos, consequência da boa comunicação, das técnicas inconscientes e resolução de problemas.

A justificativa é que a imagem da organização é caracterizada por seus membros e participantes; suas posições, estigmas, representações e modos de relacionamento interferem na identidade organizacional. O ambiente foi escolhido por poder proporcionar um denso material, haja vista o estereótipo que é criado dos frequentadores de academias pela sociedade.

Minha motivação inclui a análise da psicologia no ambiente organizacional e o quão significativo pode ser a representação dos papéis individuais no contexto amplo de uma empresa e seu sucesso.

Mas o tempo não permitiu que eu concluísse esse trabalho, por isso, modifiquei o conteúdo para artigo e reduzi um pouco a característica psicológica, apesar de eu ter escolhido Erving Goffman como autor, cientista social que parte da psicologia para desenvolver os conceitos apresentados em seus livros e ensaios.

Vontade não faltou de ficar mais um semestre na UnB e concluir a monografia com o trabalho de campo e todas as análises. Mas acho que o tempo já foi suficiente, até porque conseguir as matérias de interesse é quase impossível no sistema Matrícula Web. E meus textos são objetivos, portanto o artigo favorece a isso.

O meu artigo tem como tema “As contribuições de Goffman ao estudo das organizações” em que discuto a importância dos conceitos de fachada, representações falsas, papéis sociais e controle de expressões para as organizações e a cultura organizacional.

Segundo Gil (2002), artigo científico é um trabalho acadêmico que inclui pesquisa bibliográfica, com uma estrutura científica, que inclui introdução, tema de pesquisa, problema de pesquisa, justificativa, objetivos, hipóteses e marco teórico.

Pretendo publicar este artigo em alguma revista e apresentá-lo, porque acredito que é um tema interessante e necessário às organizações atuais, à pesquisa em Comunicação Organizacional, e também pode ser importante para que eu consiga o mestrado na UnB.

Goffman, autor que estudo no artigo, utiliza uma linguagem bem clara, compara as relações sociais com uma peça de teatro, na qual existem os atores, os figurantes, as cenas e os quadros. E esse cenário pode ser observado nas organizações, pois essas relações, que partem da comunicação são a dinâmica da organização e podem ser alvo do seu desenvolvimento, já que a comunicação envolve todos os públicos que tem ligação com a organização. Esse tema também desencadeia uma densa produção científica.

Novidade foram também as festas e *happy hours* da UnB. No começo, eu e meus colegas saíamos da aula nas quintas feiras e participávamos de *happy hours* de outros cursos e também da Comunicação. Conhecíamos muita gente e ao mesmo tempo em que nos divertíamos, fazíamos amizades e compartilhávamos pensamentos sobre diversos assuntos.

Até as festas são diferentes das outras que existem por aí. Baratas e bem agradáveis aos universitários. Isso é uma das coisas que vão fazer falta. Levo comigo as melhores lembranças dos amigos que fiz na sala de aula e nas festas. A UnB é uma extensão da minha casa, lugar que eu sinto como se fosse parte de mim.

Atualmente, preocupo-me com minha atuação no mercado de trabalho. Caso eu não consiga começar de imediato o mestrado, em Psicologia, tentarei emprego na área de Comunicação Organizacional, em Assessoria de Imprensa, como relatei anteriormente. Mas existem outras possibilidades, como ser redatora ou profissional de mídias sociais.

Na Universidade de Brasília existe o mestrado relacionado à Psicologia, análise do comportamento e processos comportamentais básicos no Programa de Pós Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde, que, de certa forma, tem a ver com a pesquisa da graduação. Mas eu também penso em fazer uma especialização em revisão de textos no Ceub.

Depois disso penso em focar em concursos públicos para atuação em Assessoria. Mas dedicar-me-ei a isso daqui a algum tempo, pois concurso é um campo que necessita de dedicação e tempo quase exclusivo, algo que, por enquanto, eu prefiro gastar em experiências profissionais e no mestrado.

A escolha da banca de professores para a defesa do meu Trabalho de Conclusão de Curso partiu da sintonia dos professores com o tema. A professora Dra. Elen Geraldês, que fez doutorado em Sociologia e tem apreço pela psicologia. Professora Janara também doutora em Sociologia e professor Dr. Asdrúbal Borges Formiga Sobrinho, doutor em Psicologia.

### **Referências**

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 2. ed. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1983. Original publicado em 1959.